

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

ROBERTO: - O PREÇO DE UM CAPRICHIO!... (Sóbe outra vez a característica)

SPEAKER: - Uma historia que Roberto Lis escreveu, dirige e interpreta no Grande Teatro Difusora, sob o patrocínio exclusivo dos Chuveiros Elétricos Amarelo!

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DOS CHUVEIROS ELÉTRICOS AMARELO)

No "O PREÇO DE UM CAPRICHIO" teremos a seguinte distribuição:

ELSA.....	Lilia Maria
MUMU.....	Edna Castro
Maria.....	Alice Aveiro
O ladrão.....	Roberto Lis
O cantor.....	Clavo Engel <i>Rubens Alcântara</i>
Gabriel.....	Claudio Real
Alvaro.....	Chico Coelho
O Delegado de Policia.....	Tupinambá <i>Duarte Arnaldo</i>
Um criado.....	Duarte Arnaldo <i>Tupinambá</i>
Um speaker.....	Tupinambá
Encarregado do estúdio.....	Emilio Belo
sonofonia de.....	

Prestará também o seu concurso a este programa interpretando os números musicais nele existentes e conduzido e aplaudido pelo autor Alcides Gonçalves

(Sóbe a característica, baixando depois, aos poucos, até desaparecer)

Mumu - (Indignada) Você nunca mais me obrigue a tirar o chapéo, do contrário não lhe acompanharei mais em parte alguma.

Elsa - Óra, Mumu, você ficou de véras contrariada com a historia do chapéo. Tão pouca coisa, afinal. E depois você bem viu que se tivesse ficado de chapéo teria sido a única de todos os que estavam lá.

Mumu - E eu o que tenho a ver com os outros? Porque todos são idiotas eu também devo ser? Ora onde é que se viu agora, obrigar-se uma pessoa da minha idade a tirar o chapéo para ouvir uma mulher cantar e um homem tocar violino.

Elsa - Era um concerto de gala, Mumu. Num concerto de gala não se está de chapéo.

Mumu - E eu o que tenho que ver com a gala? O que eu quero é a minha comodidade.

Elsa - Você sabe o que é isto em você, Mumu? Impertinencia. E depois você fica sangada quando eu digo que você está ficando velha. Desabotô-me o colar, por favor, enquanto eu tiro os aneis e as pulseiras.

Mumu - Então eu estou ficando velha, não é? (Elsa ri) Velhos são os trapos, fique você sabendo e assim mesmo eles ainda servem para muita coisa, ouviu?

Elsa - (rindo) Claro que servem, não digo o contrário. Servem para cataplasmas, para esfregões... (ri)

Mumu - Ah cataplasmas e esfregões, não é? (voz de choro) Diga logo claramente o que você pretendeu insinuar.

Elsa - Óra, Mumu, vamos. O que é isso? Então você não me dá o direito de fazer uma caçoada com você? Acredita que eu tenha pretendido magoá-la?

Mumu - (voz de choro) Não sei se pretendeu ou não mas a verdade é que me magou.

Elsa - Pois juro-lhe que não tive esta intenção. Você bem sabe que eu não seria capaz de uma coisa destas. Então você não sabe que lhe estimo muito?

Mumu - Não sei, não.

- Elsa - Sabe, sim. Você bem sabe que depois de papai é a criatura a quem mais quero nesta vida. E poderia ser de outra forma? Não foi você a mãe que eu conheci? Deixe-me enxugar os seus olhos. (Pausa. Beijo) Vamos, Mômú, sorria para mim. Não gosto de lhe ver triste. Assim. Muito bem. Não gosto de lhe ver triste. (outro tom) Escute aqui, Mômú, você reparou como aquele velho que estava no camarote defronte ao nosso não tirava os olhos de você?
- Mômú - (zangada) Deixe-se de bobagens, menina.
- Elsa - (rindo) Ah! Você não gostou porque era um velho. Se fôsse um moço teria ficado toda satisfeita, não? É assim mesmo. Escuta aqui, Mômú, mas que concerto formidável, não é mesmo? Como toca bem aquele homenzinho!... Na morte do Cisne o violino chorava de tal forma que as lágrimas chegaram a bailar à flor dos meus olhos. Tive que fazer um esforço enorme para não chorar. (Bate uma badalada ao longe)
- Mômú - Onze e meia! Vamos tratar de dormir que é já bastante tarde.
- Elsa - Onze e meia, Mômú? Ora que pena!... Perdi o programa do Clóvis! Em todo o caso liga depressa o rádio que pôde ser que eu ainda pegue o finzinho.
- Mômú - Pronto! Já está ela com a mania desse tal cantor de rádio. Oh meu Deus!
- Elsa - O que é que você quer que eu faça, Mômú? É uma verdadeira fascinação que eu sinto pela voz dele.
- SPEAKER- E para encerrar o seu programa desta noite, Clóvis Barroso cantará... *Por teu amor!*
- Elsa - Que bom, Mômú. Ainda alcancei o último número. Ouve, ouve como ele canta bem.
- (Ouve-se uma canção que - em último caso, poderá ser gravação)
- SPEAKER- E aqui fica, senhores ouvintes a audição desta noite que Clóvis Barroso ofereceu aos seus inúmeros... (Ruído de desligar o rádio, cortando a voz do speaker)
- Elsa - Que voz formidável ele tem!...
- Mômú - Não vejo nada de extraordinário. É uma voz como outra qualquer. Bom, deixe-me guardar estas joias na gaveta da caixa sua mesinha de cabeceira...
- Elsa - Está ali o cofresinho, Mômú.
- Mômú - Ah é verdade, nem tinha visto. É melhor botar logo no lugar onde tem que ficar. Joia é uma coisa que não se deve deixar rolando.
- Elsa - Também... na gaveta da mesinha de cabeceira ou dentro do cofresinho de prata a segurança é a mesma. O cofre está sempre aí em cima da mesinha... Quem quiser roubar era só abri-lo. A sorte é que os ladrões nunca se lembraram de me fazer uma visita.
- Mômú - Ora, menina, deixe de bobagem de falar em ladrões a esta hora da noite. Tome o seu pijama e vamos tratar de dormir que é muito tarde.
- Elsa - Não, Mômú, antes de dormir eu queria telefonar para a Rádio e falar com o Clóvis Barroso.
- Mômú - Para que, menina?! Você está louca?
- Elsa - Ora, Mômú, eu estou com vontade de falar com ele. É um capricho como outro qualquer. Telefone para a Rádio, Mômú, e mande chamá-lo.
- Mômú - Mas o que é que você vai dizer a um homem que você não conhece, menina?
- Elsa - Vou dizer-lhe que estou apaixonada pela sua voz e ansiosa para conhecê-lo pessoalmente.
- Mômú - Você está com febre, Elsa? Você nunca deu para essas coisas, menina! O que você quer dizer a ele não é nada mais nada menos que uma declaração de amor!

Elsa - E o que é que tem isto, Múmú?

Múmú - Que horror, meu Deus!... Quando que no meu tempo de moça, alguém seria capaz de ligar o telefone para um rapaz e dizer-lhe coisas como as que você vai dizer. Credo! Cruzes! Deus me perdoe.

Elsa - Óra, Múmú, as coisas agora não são como no seu tempo. Agora tudo mudou. No seu tempo os noivos nem saíam sós porque era feio.

Múmú - Não saíam sós? Não estavam sós na sala, quanto mais sair. E não vê que uma moça usava um vestido indecente como esse que você está, com as costas todas de fóra. Olha que por mais um pouco... Bom, nem convem falar.

Elsa - O que é moda não incomoda, Múmú. E depois o que não resta dúvida nenhuma é que os homens de hoje já não se arriscam, como no tempo das saias de balão, a casar com moças de pernas tortas ou postiças.

Múmú - Mas em compensação, da forma que as coisas estão hoje, um homem não encontra nada de novo na noite do casamento.

Elsa - Bom, Múmú, queres ou não queres fazer a ligação que eu te pedi?

Múmú - Por minha vontade não fazia, mas como não adianta nada eu querer ou não querer. Que número é o telefone?

Elsa - Quarenta e cinco, quarenta e quatro.

Múmú - Quarenta e cinco, quarenta e quatro. (Disca. Ruído. Chamada de telefone) Alô! faça o favor de chamar o senhor Clóvis... Clóvis de que?

Elsa - Clóvis Barroso, Múmú.

Múmú - Faça o favor de chamar o senhor Clóvis Barroso ao telefone, sim? (Pausa) Quem é que vai falar? Você ou eu?

Elsa - Eu mesma falo. Dê-me o telefone. (Pausa) Alô?

Clevis- Quem fala aí?

Elsa - Fala aqui uma das suas admiradoras.

Clóvis- Muito prazer. Às suas ordens, senhorita.

Elsa - Acabei de ouvir o seu programa, Clóvis e telefenei-lhe para dizer que escuto-o cada vez com maior encantamento.

Clóvis- Oh muito obrigado, senhorita. Quererá dizer-me o seu nome?

Elsa - Muito pouco adiantaria porque o senhor não me conhece.

Clóvis- Sim, bem sei, mas se m'o dissesse eu já lhe ficaria conhecendo.

Elsa - Bem, se faz muita questão eu lhe direi mas imponho uma condição.

Clóvis- Diga.

Elsa - Você virá fazer-me uma serenata. Valeu?

Clóvis- Não sei... tenho medo.

Elsa - Medo? Óra essa! Medo de que?

Clóvis- De que a senhorita se decepcione comigo. Eu sou muito feio.

Elsa - Tem uma voz lindíssima. Estará compensado. E depois eu também sou feia.

Clóvis- Não vale a pena. Tenho certeza que lhe causaria uma grande decepção e assim será melhor a senhorita não me conhecer pessoalmente.

Elsa - Óra, deixe-se disto. Eu tinha um desejo tão grande de ouvi-lo pessoalmente! Proponho-lhe uma coisa então: ~~examine~~ você virá de máscara e eu prometo que não lhe pedirei para tirá-la. Está?

Clóvis - Mas eu nem sei onde a senhorita mora...

Elsa - Mas eu lhe darei o meu endereço, é claro.

Clóvis - Pois bem, diga então.

Elsa - Tome nota. Vila Mariana, na estrada que vai para Ipanema. É um portão de ferro à esquerda, com uma enorme trepadeira de rosas.

Clóvis - (escrevendo) Vila Mariana, estrada de Ipanema. (Pausa) Portão de ferro com trepadeira de rosas. Está.

Elsa - Virá esta noite?

Clóvis - Esta noite não. Esta noite tenho um compromisso que não me permitirá ir. Irei amanhã. Está bem?

Elsa - Muito bem. Uma vez que não pôde ser hoje...

Clóvis - Irei de máscara como combinamos. Não vá se assustar.

Elsa - Não me assustarei. Até amanhã, então e não se esqueça. Vou esperá-lo.

Clóvis - Até amanhã, senhorita. (Ruído de desligar telefone) Oh Múmú, que voz formidável!
Elsa - vel que tem esse homenzinho!... Uma voz de enlouquecer a gente.

Múmú - Eu só quero ver o que dirá seu pai quando souber de tudo isto.

Elsa - O Papai não dirá nada porque não há mal nenhum. Ele disse que é feio, Múmú, mas eu não acredito.

Múmú - Bem, menina, deixe esse homem de parte e venha deitar-se que é muito tarde.

Elsa - Não, Múmú, espera um pouquinho mais. Vamos combinar o que faremos amanhã. Já sei. Nós deixaremos aqui no quarto uma bandeija com duas taças, uma garrafa de champagne e uns bonbons. Chega, não te parece?

Múmú - Mas para que tudo isso, afinal?

Elsa - Óra para que, Múmú?! Para nós bebermos.

Múmú - Mas que ideia é essa, menina? Você então não sabe que eu não posso beber álcool?

Elsa - Mas você não precisa beber. Beberemos nós: eu e o Clóvis.

Múmú - Hein? O que é que você disse aí? Você pensa mandar esse homem entrar aqui no seu quarto de dormir? Você enlouqueceu, Elsa?

Elsa - Mas Múmú, porque?! O que tem isto demais?

Múmú - Ah nada. Absolutamente nada. Um homem entra às duas ou três horas da manhã no quarto de dormir de uma moça solteira, bebem champagne juntos, comem bonbons e não há absolutamente nada de mal.

Elsa - Mas qual é o mal, Múmú? Onde está ele?

Múmú - Óra, menina, deixe de ser ingênua. Isso até é um perigo. É mais do que um perigo. É uma loucura, até. E ainda pensa em beber champagne!

Elsa - (rindo) Óra Múmú, como se eu não estivesse habituada a tomar champagne! Tem receio que eu vá me embriagar?

- Mâmú - Acho que já estás embriagada. Não Elsa, tem paciência! Eu não posso concordar com uma coisa destas. Uma noite de luar... uma mulher bonita... (Transição) Sim, porque você é bonita.
- Elsa - Obrigada.
- Mâmú - Champagne... e um homem que sabe cantar... Até eu, minha filha. Até eu era capaz de me deixar levar. Não, não. Tenha paciência mas eu não concordo.
- Elsa - Bem, Mâmú, não adianta estarmos aqui a discutir uma coisa sem importância.
- Mâmú - Coisa sem importância?!... Então um homem moço, uma mulher bonita, luar e champagne e tu tens a coragem de chamar a isto uma coisa sem importância? Não, tu estás louca. Completamente louca! Vai tratar de dormir para ver se a noite refresca um pouco a tua cabeça e aclara as tuas ideias, menina.
- Elsa - Está bem, vamos dormir. Amanhã conversaremos sobre isto. Antes de sair, Mâmú, fecha aquela janela ali que está aberta, sim?
- Mâmú - Quem é que abriu, foi você?
- Elsa - Não, eu não fui.
- Mâmú - Eu também não abri. Enão ela ficou aberta. (Ruído de fechar janela). Está. Dorme bem e vê se amanece mais calma.
- Elsa - (rindo) Está bem, Mâmú, boa noite para você.

(CORTINA MUSICAL)

(Soam três badaladas espaçadas ao longe)

(Ouve-se uma voz cantando uma serenata a alguma distancia)

- Elsa - (quando a música vai em meio, depois de um bocejo) Que coisa interessante! Eu estarei sonhando ainda ou é mesmo a voz de Clóvis que estou escutando? (Pausa) Sim é ele. Não tem dúvida. Mas porque terá mentido então que vinha amanhã? Para fazer uma surpresa, talvez. Será que poderei vê-lo daqui de cima? O luar está tão claro que talvez seja possível. (Passos) Lá está ele! Que pena, veio mesmo de máscara e não poderei ver o seu rosto. É alto. Bem vestido. Parece um rapaz elegante. Que voz maravilhosa!... (Permanece escutando a serenata até o fim, fazendo, de vez em quando, elogios à beleza da voz ou da canção. Só fala quando esta termina) Que pena, terminou!... Que será que ele vai fazer? Está olhando para cima. Encostou o violão à parede. (susto) Meu Deus, está subindo pela trepadeira! Que arrojado ele é. Que deverei fazer agora? Recebê-lo? Pedir-lhe que se retire? Eu aqui sózinha sem a Mâmú não poderei recebê-lo. Fa-lo-ei descer novamente. (Batidas no vidro) que horror ele já está aqui em cima! E eu assim de kimono... (Novas batidas. Ruído de abrir porta)
- Ladrão - Perdão, senhorita...
- Elsa - Clóvis, desculpe... parece-me um tanto excessiva a sua intimidade para um primeiro encontro, não é assim?
- Ladrão - Talvez, senhorita, entretanto eu não lhe pedirei desculpas do meu modo de agir porque foi a senhorita mesmo que despertou em mim o grande desejo de conhecê-la pessoalmente.
- Elsa - No entanto, quando falamos ao telefone ~~axxxxx~~^{você} não se mostrou muito interessado. Disse-me, até, que tinha um compromisso para esta noite.
- Ladrão - Um compromisso? (transição) Ah, sim, é verdade. Tinha um compromisso, sim. Era uma outra serenata.
- Elsa - Outra serenata? Quer então dizer que o senhor é dado a esse gênero de esporte?

- Ladrão - Não, senhorita, absolutamente. Ia apenas satisfazer o capricho de uma outra fan. (Pausa) Está um pouco fria a noite. Não irá resfriar-se conversando aqui à janela?
- Elsa - Não poderei entrar e deixá-lo do lado de fóra. Seria grosseria.
- Ladrão - Poderia convidar-me a entrar também e conversariamos mais comodamente.
- Elsa - Não lhe parece que fica mal?
- Ladrão - Não ha ninguém que nos veja. Se ambos formos discretos...
- Elsa - Clóvis! Francamente... Você nem parece o mesmo homem que canta com tanta emoção...
- Ladrão - Perdõe, senhorita. Eu fui muito irrefletido nas minhas palavras.
- Elsa - Nas suas palavras, só?
- Ladrão - E nos meus gestos também. A minha atitude escalando esta janela é de uma irreflexão a toda a prova. Eu me confesso arrependido e retiro-me pezado se com a impressão desagradável que guardará de mim.
- Elsa - Não se retire ainda. Entre. Quero dar-lhe uma oportunidade de se reabilitar. (Passos) Estou convencida de que ~~xxx~~ você assim como mascarou o seu rosto mascarou também a sua alma procurando mostrar-se diferente daquilo que realmente é. Se faz questão de deixar no meu espirito aquela mesma impressão que a sua voz me causou através do rádio, trate de tirar quanto antes a máscara que o encobre.
- Ladrão - Pois bem, senhorita, tirarei incontinentemente a máscara da alma mas conservarei esta que me encobre o rosto.
- Elsa - E porque razão não tira logo as duas?
- Ladrão - Porque é necessário que conserve uma delas.
- Elsa - Neste caso... quer dar-me o direito de escolher qual das duas deverá tirar?
- Ladrão - (Pausa) Bem... que fazer? Já não me será mais possível negar-lhe qualquer coisa. Escolha.
- Elsa - (Pausa) Eu desejava ver o seu rosto.
- Ladrão - (Pausa) Seja. Entretanto acredite que me decepcionou profundamente. Entre conhecer o exterior de uma mulher ou os sentimentos que moram no recesso de sua alma, eu opinaria sempre por esta última condição. Enfim... como de qualquer modo não nos tornaremos a ver... seja feita a sua vontade.
- Elsa - (rápida) Não, Clóvis, não. (Pausa) Mostre-me a sua alma.
- Ladrão - Obrigado, senhorita. Este seu gesto reabilitou-a.
- Elsa - Antes assim. Vou lhe fazer um pedido: não me chame de senhorita. Diga apenas Elsa.
- Ladrão - Mas... nos conhecemos ha tão pouco, não lhe parece?
- Elsa - O suficiente, no entanto, para que você entrasse no meu quarto de dormir.
- Ladrão - Vejo que não me perdeu esta ousadia.
- Elsa - Perdoei, sim. Estou brincando. Eu gosto dos homens ousados. Eu pretendia convidá-lo a entrar - não pela janela, é claro - mas de qualquer forma pensava recebê-lo aqui. Tinha até mesmo dito à minha ama, a Músc, que deixasse fóra da adega uma garrafa de champagne para lhe oferecer.
- Ladrão - Sim? E ela não deixou?

Elsa - Não, porque não o esperavamos esta noite.

Ladrão- Que pena! Seria agradável tomar uma taça de champagne em sua companhia.

Elsa - Eu vou acordar a Múmú, num instante, e ela nos servirá. Com licença, sim? Vou deixá-lo um instante a sós. (Passos que se afastam)

(FRASE MUSICAL)

Elsa - Não faça caso do que ela lhe disser. É uma creatura muito ranzinza, mas um ótimo coração.

Ladrão- Antes que ela chegue quero dizer-lhe que estou encantado com você, Elsa. Encantado com a sua beleza, com a sua naturalidade, com a sua maneira de pensar, de proceder...

Elsa - Eu sou assim tal qual me vê. Quer na sociedade como no meu quarto de dormir. (frisando) Não uso máscara.

Ladrão- Também eu agora daria tudo para não precisar usá-la. (Passos se aproximam)

Elsa - Ah vem Múmú.

Múmú - (de mau humor) Pronto a champagne.

Elsa - Múmú, deixa que te apresente o senhor Clóvis Barroso.

Ladrão- Muito prazer, minha senhora. Boa noite.

Múmú - (intencional) Bom dia.

Ladrão- (rindo) Sim, realmente. Cabe melhor a sua saudação.

Múmú - Decerto. São quatro horas da manhã.

Ladrão- (assustado) Já?

Múmú - (intencional) Já.

Ladrão- Não pensei que fôsse tão tarde.

Múmú - Tarde? Pelo contrário. É cedo. Muito cedo para a gente se levantar.

Ladrão- Tem razão, sim. Tem toda a razão.

Múmú - Claro que tenho razão, óra que engraçado. Não preciso que o senhor me diga.

Elsa - Não repare, a Múmú levantou de mau humor. Obrigada, Múmú, pôde ir dormir que eu não a incomodarei mais.

Múmú - Dormir? Justamente agora quando vocês vão tomar champagne? Não agora mesmo é que eu fico. Faz favor, moço eu queria fazer-lhe uma pergunta.

Ladrão- Pois não, minha senhora.

Múmú - O senhor veio de algum baile carnavalesco? (riso de Ladrão) Saiba que não é nada agradável, a estas horas da noite, a presença de um homem mascarado. (Ruído de servir champagne) Faz-me a sensação exquêsita de estar deante de um mafeitor ou de um ladrão.

Elsa - Óra, Múmú, o que é isto? Sirva-se Clóvis. Bebamos a nossa saúde.

Múmú - (meia voz) Enquanto eles bebem eu vou trancar o cofre das joias no guarda-roupa. Seguro morreu de velho.

Elsa - A saúde do cantor mais emotivo da cidade.

Ladrão- A felicidade da creatura mais encantadora que eu tenho conhecido. (Tocam as taças).

Elsa - Você brindou a minha felicidade, Clóvis. Vejamos o que é que você considera felicidade.

Ladrão- O conceito da felicidade, Elsa, varia, naturalmente, com os indivíduos e a maneira de sentir de cada um. Para mim, a verdadeira felicidade é a doce serenidade de espírito, a suave tranquilidade de consciencia, capazes de tornar a nossa vida bela, nóbre e útil. A felicidade dos ricos é mais ~~uma~~ de aparato e mais difícil de ser satisfeita. Habituaados ao luxo e ao ~~de~~ conforto eles são sempre mais exigentes. Para os pobres, os humildes, aqueles que lutam de sol a sol pelo sustento de cada dia, a felicidade se resume, muitas vezes, num simples pedacinho de pão.

Elsa - Mas essa é a felicidade sob o seu aspecto material.

Ladrão- pois bem, Elsa, mas crê você que um estômago vazio possa dar licença ao coração para pensar na carícia de um beijo ou de um abraço? Você não pôde fazer uma ideia justa do seja isto porque tem vivido sempre no fausto, no luxo - perdõe a franqueza - luxo excessivo e afrontoso.

Elsa - Afrontoso?

Ladrão- Afrontoso, sim, Elsa. Enquanto milhares de desgraçados dormem nos vãos das portas ou nos bancos dos jardins públicos, você dorme em lençois de seda do mais alto preço.

Elsa - É uma censura, Clóvis?

Ladrão- Não, Elsa, é uma advertencia. Já que você teve a felicidade de nascer rica é justo que góse o conforto que a riqueza pode lhe proporcionar. Mas é justo que góse sem ultrapassar os limites. Com conforto, sim, mas sem esse luxo excessivo que é uma verdadeira afronta aos que vivem na miséria.

Elsa - Diga-me, Clóvis. O que é que você considera excessivo?

Ladrão- Tudo aquilo que é supérfluo. Lençois de seda, peles de alto preço e as joias. Principalmente as joias. Que utilidade elas tem? Nenhuma. Servem, apenas, como distintivo às mulheres ricas. Uma mulher bonita, como você, não necessita de um colar de pérolas ou uma pulseira de brilhantes para realçar-lhe a beleza e as grandes somas dispendidas nesses adornos inúteis levariam a felicidade ao lar de muitos desgraçados.

Elsa - Você está se revelando um grande sentimental, Clóvis.

Ladrão- Estou cumprindo o que prometi. Mostrando a minh'alma sem máscara.

Elsa - E persiste em manter o rosto mascarado, dizendo-se feio. Um homem que tem uma beleza de alma como a sua não necessita de um rosto bonito.

Ladrão- Não forme nenhum juízo por óra. Deixe para julgar-me quando me tiver conhecido melhor. (Batem quatro badaladas, longe)

Múmú - (significativa) Quatro horas.

Ladrão- É verdade. Preciso partir.

Elsa - Promete voltar?

Ladrão- Não sei. Talvez volte algum dia. Nada posso prometer, por óra.

Elsa - Volte, sim. É possível que repetindo a sua visita e falando novamente sobre a inutilidade das joias e do bem que o seu preço poderia causar aos desgraçados, que eu acabe ficando sem as minhas.

Ladrão- Para isto... não seria necessário que eu voltasse aqui.

Elsa - Upá! Confia muito na bondade do meu coração.

Ladrão- Adeus, Elsa.

Elsa - Adeus Clóvis.

(CORTINA MUSICAL) (ANÚNCIOS) (CORTINA MUSICAL)

(Campainha de chamada) (Passos que se aproximam)

Criado- O senhor chamou?

Gabriel- Sim. Diga ao senhor Alvaro que o doutor delegado telefonou avisando que virá agora aqui.

Criado - Sim senhor. (Passos que se afastam) (Ruído de escrever à máquina alguns momentos) (Passos que se aproximam)

Múmú - (para si mesma) Onde estará, meu Deus?! Eu tinha ideia de o ter visto aqui.

Gabriel- Bom dia, dona Mumú.

Múmú - (secamente) Bom dia.

Gabriel- O que é que a senhora está procurando, dona Mumú?

Múmú - O senhor tem alguma coisa que ver com isto, tem?

Gabriel- Não senhora, absolutamente. Mas quem sabe se eu não poderia ajudá-la.

Múmú - Procuro um livro. A História de Maria Antonieta que eu deixei aqui não faz muito. Quero ler aquele tópico do roubo do colar.

Gabriel- Ah sim. A senhora desconfia que o ladrão do colar de Maria Antonieta seja o mesmo que roubou o da senhorita Elsa?

Múmú - Idiota! Crêzes! Eu quero ver se descubro a forma como ele foi roubado, ouviu? O ladrão eu já sei quem é. Aquela cara nunca me enganou.

Gabriel- O que? A senhora já sabe quem roubou as joias da senhorita Elsa?

Múmú - Eu... eu não sei nada, homem. Não sei de coisa nenhuma.

Gabriel- Como não sabe se a senhora acabou de dizer justamente o contrário?

Múmú - Eu não disse nada. Você é que está fazendo aí uma confusão dos diabos. Eu disse que sabia quem tinha roubado o colar de Maria Antonieta. Foi isto.

Gabriel- (irônico) Ah muito bem. Então a senhora conheceu o ladrão do colar de Maria Antonieta? Parabéns, dona Mumú. Sinceros parabéns. A senhora está conservando a dissimulação. Não representa, em absoluto, a idade que deve ter.

Múmú - O senhor é muito antipático, ouviu? Idiota. Viva! (Passos que se afastam) (Ruído de máquina de escrever por alguns momentos)

Criado - O senhor delegado de polícia, seu Gabriel.

Gabriel- Muito bem, faça-o entrar para... Oh doutor, como tem passado o senhor? Dê-me o seu chapéu por obsequio. Sente-se, sim. Avise ao senhor Alvaro que o Dr. Delegado está aqui. (Passos que se afastam) O senhor Alvaro virá em seguida, doutor.

Delegado- Muito bem. Antes de destacar os investigadores que deverão tratar deste caso eu fiz questão de vir pessoalmente conversar com o meu amigo Alvaro para conhecer mais detalhadamente as circunstâncias que rodeiam este fato.

Gabriel - É de veras lamentável o que se deu, doutor. A senhorita Elsa está inconsolável. Também não é para menos. Roubaram-lhe as joias mais caras que ela possuía. Um colar de pérolas orientais, um solitário de brilhante e uma pulseira de brilhantes todos grandes, além de outras joias menores. (Passos que se aproximam) Aí vem o senhor Alvaro.

Alvaro - Olá, meu amigo, desculpe se o fiz esperar, sim?

Delegado- Não tem importancia. Como vai o meu caro amigo?

Alvaro - Bastante fatigado. Pois imagine que se passou aqui em casa, esta noite, uma coisa extraordinária!

Delegado- O seu secretário já me informou do fato em linhas gerais. Não ha nenhum indício do roubo? Não desconfiam de nenhum dos criados da casa?

Alvaro - Não senhor. Os criados são todos antigos e de absoluta confiança, com exceção de uma camareira que está conosco ha quatro ou cinco mezes.

Delegado- E as joias onde estavam guardadas?

Alvaro - Num cofresinho de prata que minha filha possui. Ela esteve num concerto em companhia de sua ama, ao regressar botou as joias nesse cofresinho que a ama guardou dentro do guarda roupa, fechando-o á chave. Hoje pela manhã a ama foi guardar um anel pequeno que encontrou sobre o tapete, ao lado da cama, o cofre estava no guarda roupa mas sem uma grande parte das joias e o mais interessante é que o guarda roupa estava fechado á chave e não tem nenhum sinal de arrombamento.

Delegado- Possivelmente o ladrão terá usado uma chave falsa. E esse guarda roupa fica no quarto mesmo em que sua filha dorme?

Alvaro - Sim.

Delegado- É extraordinário! Pois meu amigo, eu desejava conversar um instante com sua filha para fazer-lhe algumas perguntas.

Alvaro - Não é possível, meu amigo. Elsa, coitadinha, está tão abalada, tão nervosa, que se recusa a receber a quem quer que seja. Nem mesmo a mim ela permitiu entrar no seu quarto.

Delegado- Mas meu caro Alvaro, você compreende que de qualquer forma eu necessito interrogá-la.

Alvaro - É inútil, meu amigo. Conheço bem minha filha. Ela não daria uma única palavra.

Delegado- Bem, neste caso... seremos obrigados a esperar que ela se acalme um pouco...

Gabriel - O senhor Delegado permite uma sugestão minha? Realmente a Senhorita Elsa deve estar muito abalada com o fato e não seria justo que fôssemos martirizá-la agora com interrogatórios, mas ha uma pessoa na casa que talvez pudesse dizer coisas muito interessantes a respeito do desaparecimento dessas joias. A senhora Mômú.

Alvaro - Mômú está acima de qualquer suspeita, Gabriel.

Gabriel - Bem sei, senhor Alvaro. O que eu quiz dizer é que ela talvez nos possa contar coisas interessantes a respeito das joias.

Alvaro - Pois bem, neste caso vá chamá-la. (Passos que se afastam) Foi uma coisa horrível para mim o estado em que encontrei minha filha esta manhã.

Delegado- Eu posso bem avaliar. Convenhamos que não é para menos. Segundo me disse o seu secretário, forma muitas as que ela perdeu. É naturalmente teria algumas de estimação, não é verdade?

Alvaro - Realmente. Uma grande parte delas havia pertencido á minha esposa.

Delegado- Isto é que é verdadeiramente lamentavel, no caso. (Passos se aproximam)

Mômú - Alguem me chamou?

- Alvaro - Múmú, este senhor é meu amigo e delegado de policia. Ele deseja fazer-lhe algumas perguntas sobre o desaparecimento das joias de Elsa.
- Delegado - (Pausa) Dona Múmú...
- Múmú - (atalhando-o) Guilhermina, senhor. Guilhermina Nunes. Múmú na intimidade mas nós apenas acabamos de ser apresentados.
- Alvaro - O que é isto, Múmú? Seja mais cortez. Lembre-se que o senhor delegado es tá aqui para auxiliar-nos.
- Delegado - Pois dona...
- Múmú - Guilhermina.
- Delegado - Dona Guilhermina, a senhora vai me dizer tudo que se passou no quarto da senhorita Elsa, desde ontem á noite, quando voltaram do teatro.
- Múmú - O que se passou é que nós chegamos, Elsa tirou as joias, eu guardei-as no cofre e hoje de manhã quando fui abri-lo elas não estavam mais lá. Posso retirar-me? Eu preciso atender a menina que está só.
- Gabriel - Um momento, dona Múmú. Conte ao senhor delegado aquela historia do colar de Maria Antonieta.
- Múmú - Deixe de ser bobo alegre, ouviu? Quererá, por acaso convencer-me que o senhor delegado tenha vindo aqui para aprender comigo a historia das ra inhas da França?
- Gabriel - Não quero dizer isto, mas eu estou certo que ele acharia muito interessante aquela passagem do roubo do colar contado pela senhora.
- Alvaro - O que é que você pretende insinuar, Gabriel?
- Gabriel - Que dona Múmú sabe quem foi o autor do roubo.
- Múmú - É mentira.
- Gabriel - Sabe, sim, porque ela mesmo o disse a mim não faz talvez uma hora.
- Múmú - É mentira, já disse. Você não me faça perder a calma, homenzinho.
- Delegado - Senhor, Alvaro, faça vir á minha presença a camareira que disse estar a serviço da casa ha poucos mezes.
- Gabriel - Eu irei chamá-la num momento. Com licença. (Passos que se ~~aprox~~ afastam)
- Múmú - Não sei que empenho tem esse idiota de querer bancar o scherlock para o meu lado. Se eu soubesse alguma coisa então eu não seria a primeira a dizer? Quem sabe fui eu que roubei as joias de Elsa?
- Alvaro - Ninguém suspeita uma coisa dessas, Múmú. O que é necessário, porem, é que todos digam o pouco que sabem para se poder tirar uma conclusão.
- Delegado - Exatamente. É o que eu estou procurando fazer. (Passos que se aprox.)
- Maria - (nervosa) O senhor ~~sakran~~ chamou, patrão, chamou?
- Alvaro - Sim. O senhor delegado quer fazer-lhe algumas perguntas.
- Maria - (nervosissima) Eu não sei nada, patrõesinho. Eu juro que não sei nada. Eu dormi a noite toda. Juro que não vi nada. Por Deus Nosso senhor como eu não vi. O seu delegado pôde revistar a minha mala. Só de manhã é que eu fiquei sabendo do roubo. Eu quero que as minhas mãos fiquem secas se peguei naquelas joias. Juro que não fui eu patrõesinho. Por essa luz di vina.
- Delegado - Acalme-se, menina. Ninguém está lhe culpando de coisa nenhuma. Responda apenas as minhas perguntas. Esteve no quarto da Srta. Elsa esta manhã?

Maria - (receiosa) Eu... eu estive sim senhor. Fui levar o café.

Delegado- E não notou nada de anormal por lá? Tudo estava como sempre?

Maria - (receiosa) Es...tava, sim senhor.

Delegada- (forte) Tudo estava como sempre? (Pausa longa) Fale a verdade, menina. Se mentir será muito pior para você. (Maria desata a chorar) Porque está chorando? Fale sem receio que nada lhe acontecerá.

Mumú - Ela está nervosa, ela é muito nervosa essa menina.

Alvaro - Cale a boca, Mumú. Não interrompa o senhor Delegado.

Delegado- Vamos, fale. Porque é que está chorando?

Maria - (chorando) A patrão não quer que eu fale.

Alvaro - Mas você precisa falar. Vamos, responda a pergunta do senhor delegado. Não havia nada de extraordinário no quarto de Elsa esta manhã?

Maria - (chorando) Havia, sim. Havia uma garrafa de champagne quase vazia e duas taças servidas.

Mumú - Você é bem idiota, Maria. Então a champagne e as taças são alguma coisa de extraordinário? Você não está cansada de saber que eu e dona Elsa tomamos champagne todas as noites?

Alvaro - Não se canse em pretender esconder a verdade, Mumú. Então não compreende que eu necessito sabê-la?

Gabriel - A senhora precisa compreender quantas suposições nós temos o direito de fazer. Todos perceberam claramente que a senhora está procurando ocultar uma falta da senhorinha Elsa.

Mumú - (indignada) O senhor está muito enganado. Elsa não cometeu falta alguma. Foi uma levandade, apenas, cuja culpa só cabe a mim e a mais ninguém. (furiosa) A única culpada sou eu, está entendendo?

Delegado- Tenha calma, dona Mumú. Tenha calma.

Mumú - Mumú não senhor. Guilhermina. Mumú na intimidade, está ouvindo?

Alvaro - O que é isto, Mumú? Que maneiras são estas? Vamos, fale. Conta-nos o que se passou.

Mumú - (Pausa) Elsa estava encantada com a voz de um cantor de rádio e ontem resolveu telefonar-lhe e pedir-lhe que viesse fazer-lhe uma serenata. Ele veio, cantou, depois entrou no quarto, tomaram champagne juntos, conversaram um pouco e depois ele foi embora. Não houve nada mais do que isto, juro.

Alvaro - É fantástico!...

Delegado- E enquanto ele esteve aqui deixaram-no só algum momento?

Mumú - Sim. Quando fomos buscar a champagne.

Delegado- E o nome desse homem você sabe? (Pausa) Vamos, responda. Sabe o nome dele?

Alvaro - Fale, Mumú.

Mumú - Chama-se Clóvis Barroso.

Delegado- Bem, já agora não haverá mais dificuldade de recuperarmos as joias. Vou tomar algumas providências e mais tarde telefonarei.

Alvaro - Acompanhe o senhor delegado até à porta, Mumú.

Mumú - O que eu fui fazer, Meu Deus! Positivamente eu sou uma desastrada. Ande, se nhor delegado, ande que eu tenho que atender a minha filha que ficou só.
(Passos que se afastam)

Alvaro - (Pausa longa) Parece mentira que minha filha...

Gabriel - Óra, senhor Alvaro, não leve o caso tão a sério. Leviandades de moça. A culpa é dona Mumú. Devia ter feito ver a senhorita Elsa que aquilo não ficava bem.

Alvaro - Não, Gabriel, Mumú não tem culpa nenhuma. Eu é que sou o verdadeiro culpado pela educação independente que dei à minha filha. Sempre lhe satisfiz todos os seus caprichos...

Gabriel - Talvez tenha sido este um dos seus caprichos mais caros. (Passos que se aproximam). Senhorita Elsa... eu...

Elsa - Não me diga nada. ~~Eu~~ Não o perderei jamais.

Alvaro - (áspero) Minha filha... (Pausa. Terno) Minha filha... Porque fizeste isto?

Elsa - (quasi chorando) Não sei, papai. (chorando) Não sei porque!... (Soluços)

Alvaro - (comovido) Não chores, filinha. Não chores. As tuas joias não de ser encontradas e se por acaso não forem... eu te comprarei outras.

Elsa - (com a voz entrecortada de soluços) Mas não é pelas joias que eu estou chorando, papai. É por ele, papai!... É por ele!... (Soluços desesperados)

(CORTINA MUSICAL)

(Anúncios)

(Outra vez a cortina musical)

(Duas bañaladas longe) (Ruído de um objeto que cai)

Elsa - Quem é? (chave de luz. Susto de Elsa)

Ladrão - Silêncio, não grite. Preciso muito falar-lhe. Lembra-se quando lhe disse que talvez voltasse um dia?

Elsa - Veio buscar o resto das joias que deixou no cofre?

Ladrão - Pelo contrário. Vim devolver-lhe as que havia levado.

Elsa - e como conseguiu escapar da prisão?

Ladrão - Eu nunca estive preso.

Elsa - Mas não é possível. Diga quem é o senhor. Tire essa máscara, vamos.

Ladrão - Pronto. Está feita a sua vontade.

Elsa - O senhor é Clovis Barroso? Vamos responder. Responda antes que eu enlouqueça.

Ladrão - Não.

Elsa - Mas então o senhor é um desalmado. Deixa prender um inocente por sua causa? É agora, meu Deus!... O que farei agora?

Ladrão - É simples. O julgamento será depois de amanhã. Defenda-o. Mostre ao juiz as joias restituídas e esta carta que lhe deixarei e que é uma confissão anônima do verdadeiro culpado. Nela eu explico como procedi para penetrar no seu quarto. Aliás a senhora vai saber tudo direitinho porque eu vou lhe contar: eu estive aqui antes da senhora chegar do teatro. Fui surpreendido pela sua chegada e escondi-me atrás daquela cortina; dali assisti toda a sua conversa com Clóvis Barroso ao telefone. Lembrei-me de sair e voltar mais tarde apresentando-me como se fôsse ele. Utilizei um disco cantado por ele que botei numa vitrola portátil escondida entre as hortênsias do jardim. Arranjei também um violão com o qual fingia acompanhar-me. O resto você já sabe.

Elsa - E porque não declarou tudo isto pessoalmente às autoridades?

Ladrão - Isto nunca! Eles me prenderiam.

Elsa - (com desprezo) A cadeia assusta-o, não é verdade? Esquece-se que há mais de dois meses lá está um pobre inocente pagando um crime que você cometeu?

Ladrão - Não, Elsa, a cadeia não me assusta. Lá eu teria casa... comida e trabalho. O que me assusta é quando eu houver cumprido a minha pena e tiver que voltar ao convívio dos homens. Eles são más. Eles não acreditam nunca na regeneração. O homem que roubou uma vez roubará sempre. O que matou uma vez matará sempre. E eles não procuram jamais os motivos e as circunstâncias que obrigaram o infeliz a matar ou roubar. (Pausa) Você terá que me auxiliar, Elsa.

Elsa - Eu?!...

Ladrão - Você, sim. Porque é por você que eu quero ser um homem digno. Amo-a, Elsa. Sei que é uma loucura mas amo-a. Li certa vez - não me lembro onde - que as estrelas refletiam-se na lama das xiquixiras sargetas, sem perder a beleza do seu brilho. Você poderá ajudar-me sem ser, como eu, uma criminosa. Si eu chegar a ser preso, ao voltar novamente para a vida não encontrarei o auxílio de ninguém. Todo o mundo negará a mão ao sentenciado. Todos os homens lhe fecharão suas portas. E eu preciso viver, Elsa. Preciso viver para minha mãe que é muito velha e que morrerá fatalmente de fome e de tristeza se a justiça conseguir deixar-me a mão.

Elsa - (chorosa) Não o denunciarei. Fique descansado.

Ladrão - Obrigado, Elsa. Eu tinha certeza que você não me abandonaria. Agora é preciso que eu parta.

Elsa - E quando voltará? Como poderei torná-lo a falar com você?

Ladrão - Aqui tem um papel com o meu endereço, e o número do telefone de um pequeno bar que fica justamente ao lado de minha casa. Guarde-o bem para não perdê-lo.

Elsa - Vou escondê-lo em baixo do meu colchão que estará muito mais seguro.

Ladrão - Adeus, Elsa. Perdê-me, sim?

Elsa - Adeus, Mario. Deixe-me beijá-lo. (Pausa. Beijo) E que este beijo assinale para você a aurora de uma nova vida!...

(CORTINA MUSICAL)

Maria - (tom de segreda) Seu Gabriel! O seu Gabriel!...

Gabriel - O que foi, Maria? Que cara é essa?

Maria - Achei, seu Gabriel.

Gabriel - Achaste o que, creatura?

Maria - Achei este papelsinho debaixo do colchão.

Gabriel - (lendo) Telefone Bar Continental 47-66-51. Chamar ao lado Mario Duarte. É isto mesmo, Maria. Está aqui o xis do problema.

Maria - Pois é e agora chegamos na hora H do senhor me dar o que me prometeu.

Gabriel - Para lá, Maria, é cedo. Pôde ser que esteja aqui realmente a chave do problema mas também pôde não estar. Eu vou copiar isto aqui e tu vais botar outra vez no lugar para não despertar suspeitas. (Ruído de escrever) Telefone 47-66-51 - Bar Continental. Chamar Mario Duarte. Pronto. Levas este papel e bota de novo onde estava.

Maria - E depois eu quero ver, hein? Quero ver se o senhor tem palavra. (Sai).

Gabriel - Agora é simples descobrir o resto. O que tenho a fazer é telefonar para o tal bar e conseguir as informações que necessito. (Passos se aproximam) Mas agora não é possível. Terei que deixar isto para depois.

Alvaro - Você já falou com o advogado para que o homem seja posto em liberdade, Gabriel? Minha filha enlouquece se ele permanece preso mais um dia.

Gabriel - Já está tudo arranjado, senhor Alvaro. O homem deverá ser posto em liberdade dentro de poucos instantes. Já recebi instruções de dona Elsa para mandar o automóvel esperá-lo à saída da prisão e trazê-lo aqui.

Alvaro - Sim, é isto mesmo. Temos que fazer por ele o que nos for possível. Afinal desgraçamos a vida do pobre rapaz. (Pausa) O que eu ainda não consegui compreender, até hoje, foi a razão porque o verdadeiro gatuno devolveu as joias à minha filha.

Gabriel - A razão é muito simples, senhor Alvaro! Ele apaixonou por ela.

Alvaro - Mas minha filha não poderia concordar com uma coisa destas. E depois ela gostava era do cantor, o acusado inocente.

Gabriel - Sinto contrariá-lo, senhor Alvaro, mas ela gostou foi do verdadeiro ladrão. Tanto assim que tem feito tudo para ocultar o seu nome.

Alvaro - Ora, isto não é razão para acreditar-se que ela tenha gostado dele. Pode muito bem ser mais um dos muitos caprichos de minha filha.

Gabriel - Um capricho que deixará para toda a vida uma sombra de desconfiança no nome de Clóvis Barroso. Se ela pretende rehabilitá-lo deveria citar o nome do outro.

Alvaro - Elsa é caprichosa e não dirá nada, você vai ver. Bem, eu vou a uma reunião do Banco de Crédito. Até logo.

Gabriel - Até logo, senhor Alvaro. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Gabriel - Quer conceder-me dois minutos de atenção, dona Mâmã?

Mâmã - Mâmã, não senhor. Guilhermina, está ouvindo? Eu só admito que me trate por Mâmã as pessoas da minha intimidade. Aquelas a quem quero bem.

Gabriel - Deixou então de querer-me? Antes a senhora consentia que eu a tratasse assim.

Mâmã - Hum! Deixou então de querer-me! É pretencioso! Nunca lhe quiz bem, entendeu? Consentia que me tratasse com certa intimidade porque o julgava assim... um inofensivo. Desde, porém, que o senhor se revelou mesquinho e vingativo que tenho-lhe verdadeiro horror, ouviu? Horror!

Gabriel - Mas a senhora não quer compreender que tudo que fiz foi em interesse do patrão?

Mâmã - Hum! No seu próprio interesse foi que o senhor o fez. Eu não sou tola.

Gabriel - Pois bem, diga antes, então, que foi pelo meu amor e não pelo meu interesse.

Mâmã - Amor!... Amor coisa nenhuma! Amor pelo dinheiro dela! Daí o seu interesse de descobrir o ladrão das joias!... (Passos que se afastam)

Gabriel - (para longe) A senhora está me ofendendo! É velha muito malcriada! Ah mas se eu conseguir vir a ser alguma coisa dentro desta casa, na primeira oportunidade passo-te uma rasteira. (Passos que se aproximam) O que foi Maria! Alguma novidade?

Maria - O chefe já chegou, sabe, seu Gabriel? Disse que o homem não quiz o automóvel. Que vem aqui mas vem a pé. Disse que ele tá por conta.

Gabriel- Então, Maria, quando ele chegar faz ele entrar aqui para o gabinete para falar comigo antes de falar com qualquer outra pessoa da casa.

Maria - Está bem, mas quanto é que eu vou levar nesta?

Gabriel- Depois nós combinamos.

(CORTINA MUSICAL)

Gabriel- O senhor é Clóvis Barroso, não é verdade?

Clóvis - (amargo) Fui Clóvis Barroso. Hoje sou apenas uma sombra dele.

Gabriel- Tenha a bondade de sentar-se, sim?

Clóvis - Não. Eu direi mesmo de pé o que tenho para dizer. Quem é o senhor?

Gabriel- Sou o Secretário do senhor Alvaro.

Clóvis - Bem, neste caso peço-lhe que chame o próprio senhor Alvaro ou a filha dele. Não lhes roubarei muito tempo. Venho dizer-lhes apenas duas palavras.

Gabriel- Mas talvez antes de falar com eles tivesse interesse em ouvir-me.

Clóvis - Vai também lamentar o que me sucedeu?

Gabriel- Talvez seja eu, nesta casa, o único que o lamente verdadeiramente. Mas deixemos de lado sentimentalismos e vou oferecer-lhe um meio de vingar-se dos desalmados que o puzeram na cadeia inocentemente. Vou dar-lhe o nome do verdadeiro ladrão que eles desejam ocultar porque é o homem a quem a senhorita Elsa ama perdidamente. Vingue-se, meu amigo. Vingue-se sem piedade porque eles também não tiveram piedade do senhor. Aqui neste papel tem o nome e o endereço do verdadeiro culpado. Quer que chame a senhorita Elsa? O pai dela não está.

Clóvis - Sim, quero vê-la. Ela nunca quiz avistar-se comigo mas hoje não terá mais remédio. Desejo conhecê-la para poder gozar melhor a minha vingança.

Gabriel- Pois bem, eu vou chamá-la. Não se deixe comover pelas lágrimas dela. Ela chora muito facilmente. E cuidado, hein? Não vá me comprometer.

Clóvis - Não tenha receio.

(FRASE MUSICAL)

Elsa - (emocionada, nervosa) Boa tarde, senhor.

Clóvis - É a senhorita Elsa?

Elsa - Sim...

Clóvis - (irônico) Não repare o meu desalinho. Saí tão apurado que nem tive tempo de fazer a barba.

Elsa - Sente-se...

Clóvis - Obrigado. Estou bem de pé. A minha demora é pouca.

Elsa - Com quem tenho o prazer de falar?

Clóvis - Não reconhece a minha voz?

Elsa - Não estou bem lembrada, mas... a sua voz... a sua voz não me é estranha...

- Clóvis - É possível que ela tenha mudado um pouco. (Com amargura) Dois meses de horrôroso sofrimento moral terá sido mais que suficiente para modificá-la mas mesmo assim, se eu agora cantasse uma canção qualquer do meu repertório talvez que lhe fizesse lembrar um fato que já deve ter esquecido mas do qual eu hei de me lembrar para o resto da minha vida.
- Elsa - (quási num susurro) Clóvis Barroso!...
- Clóvis - Ah, lembrou-se, afinal? Clóvis Barroso, sim. O homem que a senhorita, por um capricho, resolveu matar de tristeza e de vergonha. O homem que era feliz, que vivia cantando e que a senhorita quis fazer um desgraçado. O homem que era um homem, enfim, e que a senhorita transformou numa sombra.
- Elsa - (trêmula e vacilante) Perdô-me, Clóvis. Eu não sou culpada. Foi a ratalidade que me atirou contra você. Se soubesse como tenho sofrido!... Quanto tenho chorado!... Mas eu quero de alguma forma procurar reparar o erro que cometi. Diga, por favor, o que poderei fazer por você, Clóvis, diga. O que é que você quer?
- Clóvis - A tranquilidade que a senhorita me roubou. A pureza de minh'alma que a senhorita envenenou, transformando-a numa enseada de amargura e de revolta. (com violencia) Quero o meu nome limpo, o meu nome honrado que a senhorita manchou para o resto da vida com a sombra da dúvida e da desconfiança. Quero tudo, senhorita, tudo aquilo que era meu e que me foi roubado.
- Elsa - (chorando) Eu procurarei remediar o mal em tudo que me for possível, creia. Por favor... ordene o que devo fazer.
- Clóvis - É simples. Declarar em todos os jornais da cidade a minha inocencia, revelando o nome do verdadeiro culpado, para que não reste sobre mim, no futuro, a menor sombra de dúvida.
- Elsa - Mas isto não é possível... porque eu mesma não sei quem ele é...
- Clóvis - Como não sabe? Si até champagne tomaram juntos... em seu quarto de dormir.
- Elsa - É verdade, sim... mas... ele se apresentou com o nome de Clóvis Barroso e tinha o rosto mascarado...
- Clóvis - E não tirou a máscara nem um pouquinho? Nem mesmo no momento de beijá-la?
- Elsa - (ofendida) Senhor Clóvis Barroso, eu não admito que me falte com o respeito.
- Clóvis - Incomodou-se, não? Pois bem, eu lhe direi então o nome do verdadeiro culpado. Chama-se Mario Duarte.
- Elsa - (forte) É mentira.
- Clóvis - (calmo) Foi ele, sim. Foi ele e você sabe muito bem disto. Sabe e vai declarar-lo pelo jornal porque eu quero, entendeu? Porque eu quero.
- Elsa - (após uma pausa, abafada) Pois bem, Clóvis, é verdade. Foi Mario Duarte, sim, mas ele arrependeu-se do que fez. Veio restituir-me as joias logo que soube que havia um inocente cumprindo a pena em seu lugar.
- Clóvis - Ele veio devolver-lhe as joias porque a ama. Unicamente por isto. E você não quer revelar o nome dele porque o ama também.
- Elsa - Sim, Clóvis, é verdade. Eu o amo e estou disposta a fazer por ele qualquer sacrificio. Pagarei o que você exigir contanto que o poupe de ser preso. Ele quer se regenerar. Ajude-o, Clóvis.
- Clóvis - Você visa exclusivamente a sua felicidade. Como não poderá unir-se a um homem que a sociedade conheça como ladrão, pede-me que poupe-o de ser preso.
- Elsa - Não, não é por isto, juro-lhe. Agora eu já não teria forças para abandoná-lo em hipótese alguma. É só por ele que lhe peço. Nem penso em mim. Tenha piedade, Clóvis.

- Clóvis - Piedade!... Quer que eu tenha piedade dele quando ninguém a teve de mim! Quando vivi dois meses de martírio numa prisão onde ele deveria estar. Piedade!... Esquece-se que desgraçaram minha vida? Que foram cancelados todos os contratos que eu havia firmado. Desfeito o meu noivado. Que os jornais espalham, para toda a parte do mundo, que Clóvis Barrozo, o homem da voz de ouro, era um ladrão vulgar. (Soluço de Elsa) E embora eu tivesse negado, jurado e até mesmo me baixado a implorar misericórdia, encontrarei retráidos os tímpanos de todos os ouvidos pelo som do metal precioso que um milionário sem escrúpulos/ã espalhava às mancheias para que fôsse condenado um inocente. E eu devo perdoar? Devo ter misericórdia? Nunca! (Soluço de Elsa) Nunca! Irei hoje mesmo à polícia denunciar o verdadeiro culpado. (Passos que se afastam rápidos)
- Elsa - (gritando) Clóvis! Clóvis! Não Clóvis, por favor, não!... (Soluços)
- (Cortina musical)
- Mumú - Olhe aqui: só quem possuía aquele endereço era dona Elsa. Dona Elsa não o mostrou a ninguém. Escondeu-o em baixo do colchão. A única pessoa que entrou no quarto foi você, logo é inútil, você continuar a negar.
- Maria - Mas não fui eu, dona Mumú. Juro-lhe como nãa fui eu.
- Mumú - Bem, eu quis fazer você confessar por bem, você não quis não é? Sabe o que é isto aqui?
- Maria - Credo, dona Mumú, a senhora terá a coragem de me dar de chicote?
- Mumú - Se não confessares por bem has de ver se tenho ou não tenho coragem.
- Maria - Pois bem, dona Mumú, eu digo. Fui eu, sim. Mas eu não tive culpa, sabe? Foi seu Gabriel que me pediu para dar uma busca em todo o quarto e mostrar a ele qualquer coisa que me parecesse suspeita. Foi ele, juro como foi.
- Mumú - Não precisa jurar. Eu já sabia. Eu tinha certeza absoluta que aqui andava aquele dedo torto. Ah vibora! Mas desta vez tu has de me pagar. Vai chamá-lo aqui imediatamente mas não lhe digas nada sinão entras tu também no chicote.
- Maria - (saindo) Eu chamo, sim, dona Mumú, eu chamo. (Passos que se afastam)
- Mumú - Agora sim! Agora chegou a hora H de eu tirar a minha diferença com esse almofadinho engomado. Puxa que tenho-lhe uma sede! Uma sede!... (Passos que se aproximam) Ah vem ele disparando. Desmancha-se todo em cortezias para mim mas ele não me traga.
- Gabriel - A senhora me chamou, dona Guilhermina?
- Mumú - Ah aprendeu, não é? Aprendeu a chamar-me dona Guilhermina? Mas aprendeu muito tarde porque o senhor vai se botar daqui o quanto antes (Ele tenta falar mas ela não admite) Vai se botar daqui o quanto antes já lhe disse. (idem) Cale-se. Não lhe dou explicações nenhuma. Ou ponha-se daqui imediatamente ou então, olhe aqui. Sabe o que é isto?
- Gabriel - Está bem, dona Guilhermina eu vou.
- Mumú - Pois então ruai! E nunca mais me apareça aqui se não quiser apunhar uma boa surra que é o que você merece.
- (CORTINA MUSICAL)
- Elsa - Fes muito bem eu vir, Mário. Eu estava aflitíssima para falar-lhe. Já tinha até pedido à Mumú para que fôsse procurá-lo.
- Madrão - E eu vim porque fui informado de que um homem havia telefonado ao bar continental fazendo muitas perguntas a meu respeito. Fiquei com receio de que pudesse ser qualquer coisa e tratei de tirar tudo a limpo para meu descanso.
- Elsa - Fes bem, sim. Fes muito bem. Você terá que fugir imediatamente, Mário.

Ladrão - Fugir!?!... Mas porque?

Elsa - Porque do contrário será prezo.

Ladrão - Como?!... Não, Elsa, não pôde ser. Você prometeu que guardaria o meu segredo, Elsa. Lembre-se que prometeu.

Elsa - E guardei-o, Mario. Mas a fatalidade me persegue. O secretário de meu pai, por intermédio da camareira, encontrou o papel que eu havia escondido embaixo do colchão. Ele é um homem terrível. E esta hora a policia deve andar à sua procura. Fuja, Mario, vá para o estrangeiro que eu irei depois encontrá-lo.

Ladrão - Não, Elsa, é inútil fugir. Toda a minha questão era o meu nome e ele está perdido. (Pausa) Lamento sinceramente por minha mãe... e por você, Elsa.

Elsa - (chorando) Oh Mário, Mário!... O que será de mim sem você?

Ladrão - Esqueça-me. Eu não sou digno de você, Elsa. Vá viajar, ver coisas novas, distrair-se e o tempo lhe fará esquecer esta grande loucura.

Elsa - Não, Mário. Não sairei daqui. Ficarei para consolar e proteger sua pobre mãe

Ladrão - Você fará isto, Elsa?

Elsa - Farei, sim. Prometo-lhe Mário. (Pausa. Beijo. Pausa) E depois, quando você tiver cumprido a sua pena, casaremos e iremos viver longe daqui, onde ninguém nos conheça. Começaremos lá uma vida nova!

Ladrão - Elsa querida! Como tu és boa!... (Beijo) Bem, é preciso que eu parta. Devo apresentar-me à prisão antes que me encontrem. Já será uma atenuante para a minha falta.

Elsa - (chorosa) Sim, meu querido... já que assim resolveste... E a quanto tempo eles te condenarão, Mário?

Ladrão - Talvez dois anos!

Elsa - Dois anos!...

Ladrão - Dois anos passam depressa. E depois não ficaremos todo este tempo sem nos ver. Sempre que quiser poderá ir visitar-me. Bem, minha querida, diga-me adeus sorrindo. Quero levar comigo a esmola generosa do seu sorriso para que eu possa partir mais encorajado.

Elsa - (chorando sem querer) Adeus, Mário. Eu estou sorrindo, vê?

Ladrão - Sim. E depois que eu tenha partido, quero ainda que continues a sorrir. Até um dia, Elsa. Eu voltarei.

Elsa - Até um dia, Mário... (Passos que se afastam) Mário!... Mário!... Mário!... (soluços desesperados por alguns momentos. Passos que se aproximam) Mmhm!... Mmhm!... Ele foi embora!... (Soluços)

Mmhm - Vamos, minha querida, coragem! Ele foi embora, sim, mas voltará um dia! Tem paciência e espera.

Elsa - Mas são dois anos, Mmhm!... Dois anos!... É tanto tempo!... Tanto tempo!... (desata a soluçar perdidamente)

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, baixando depois para falar o speaker)

SPEAKER: Acabaram de ouvir "O preço de um capricho" um trabalho que Roberto Lis escreveu e interpretou com os seus Artistas no Grande Teatro Difusora patrocinado pelos Chuveiros Elétricos Amaral. (Entra a propaganda dos Chuveiros) Ouça no próximo domingo, às mesmas horas de hoje, mais um trabalho de Roberto Lis.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)

Uma luz no ponto